

Mulheres da Palavra: O Palavrear como Insurgência, Escrivência e Afroempreendedorismo na Literatura Negra

Eixo Temático: Produções Artísticas e Culturais - Relatos de Prática

Proponente: Maria Teresa Ferreira

Palavras-chave: Afroempreendedorismo; Economia Criativa; Identidade Racial; Organização Coletiva.

A presença de mulheres negras na literatura brasileira vai muito além da estética: é um ato de insurgência política e resgate ancestral para descolonizar mentes e a própria história oficial do país. Escrever, para a mulher negra, significa deixar de ser o "objeto" do discurso de terceiros para se tornar o sujeito da própria narrativa, fraturando um padrão literário que sempre foi massivamente masculino, branco e elitista, pautado na estética europeia.

Para compreender a urgência do fomento às escritoras negras, é preciso compreender que nossa produção literária nasceu atrelada ao pensamento e à estética europeia de sociedade. Do Quinhentismo ao Modernismo e suas correntes contemporâneas, o fio condutor que unificou quase todas as eras foi a ausência de diversidade de gênero e raça.

Ao assumirem o protagonismo, essas escritoras produzem verdadeiros antídotos biopolíticos que combatem o apagamento histórico e rasgam os estereótipos de servidão ou hipersexualização, valorizando sua postura intelectual, afetiva e crítica. Esse "palavrear" gera um efeito cascata essencial: quando outras mulheres e jovens se veem espelhados nessas páginas, recuperam o direito à humanidade que lhes foi negado e ganham o ímpeto de transformar a realidade, usando a literatura como ferramenta para compreender seu lugar no mundo e emancipar o pensamento crítico de toda a sociedade.

Nas últimas décadas, assistimos a um crescimento evidente da presença feminina no mercado editorial. No entanto, ao fazermos um recorte racial honesto, percebemos que esse avanço beneficiou majoritariamente as mulheres não negras. Para as escritoras negras, publicar continua sendo uma batalha hercúlea, que enfrenta um mercado cujos critérios de "qualidade" e "gosto literário" impõem severas dificuldades para que esses livros e autoras encontrem caminhos de publicação e distribuição viáveis.

Como aponta Isildinha Baptista Nogueira em *A Cor do Inconsciente*, o racismo opera inscrevendo marcas dolorosas na subjetividade e no corpo negro. Esta ausência deliberada de corpos negros e femininos na literatura impacta negativamente a formação da psique da sociedade brasileira. Ao dar voz e visibilidade a apenas uma parcela da população, a literatura constrói uma forma distorcida e incompleta de representação social, não negra.

Passados mais de cinquenta anos da publicação do livro emblemático de Carolina Maria de Jesus, a presença da mulher negra na literatura ainda enfrenta resistências estruturais. No entanto, rachaduras históricas têm sido abertas no século XXI. A indicação popular em torno do nome de Conceição Evaristo e marcos recentes na Flip (Feira Literária Internacional de Paraty - 2019) — onde os livros mais vendidos foram de escritores negros, destacando as vozes de Grada Kilomba, Ayobami Adebayo, Djamilá Ribeiro e Jarid Arraes — provam que o público anseia por nossas histórias. Soma-se a esse cenário a força de nomes contemporâneos como Cidinha da Silva, Eliane Marques e Eliane Alves Cruz. Essas escritoras representam uma vitória coletiva crucial: por meio de sua excelência estética e profundidade narrativa, conseguiram furar a bolha do mercado editorial tradicional, alcançando a publicação por grandes editoras e conquistando prêmios de prestígio nacional. A trajetória delas redesenha o mapa das letras no Brasil e desmancha a expectativa histórica de subserviência. As mulheres negras respondem ocupando as feiras, as grandes editoras, os prêmios, as livrarias e os palcos centrais.

Sentir na pele as engrenagens dessa exclusão foi o que pavimentou o meu próprio caminho na literatura e me impôs a necessidade de compreender a escrita não apenas como um processo artístico, mas como um ato de afroempreendedorismo e possível sobrevivência econômica. Quando decidi colocar no mundo os meus dois livros, *A menina que lia o vento* (Editora Metanoia, 2019) e *Nozes* (Selo Hecatombe / Editora Urutau, 2025), fui confrontada com os meandros opacos e complexos da indústria literária nacional, me fazendo enxergar que viver da escrita é mais complexo do que parece.

Para nós, escritoras negras e periféricas, o desafio começa muito antes de o livro chegar à prensa. Significa reorganizar toda a engenharia do cotidiano, equilibrando a jornada de trabalho, os cuidados domésticos e os autocuidados. Escrever exige disputar o tempo com o trabalho formal, muitas vezes sob a pressão exaustiva de escalas CLT como a 6x1. Afinal, é preciso garantir o sustento material. Essa dupla jornada que nos corta a carne é a realidade de muitas: Liliane Guerra, autora do potente *O Céu para Bastardos*, cria suas narrativas

dividindo o tempo com sua atuação como enfermeira. Eu, por minha vez, opero o milagre da escrita entre os atendimentos como psicanalista e minha atuação como palestrante e consultora em Educação Antirracista, Feminismo Negro e Direitos Humanos. O tempo, ferramenta indispensável para qualquer escritor, torna-se, para a mulher negra, o recurso mais escasso.

Entender a lógica do mercado editorial tradicional exige de uma autora independente uma dose dupla de resiliência. O desafio começa na busca por operar o tempo, decifrar, de forma autônoma, os processos técnicos e burocráticos necessários para a validação de uma obra: o funcionamento dos registros de ISBN, a confecção de fichas catalográficas, as minúcias dos contratos de edição e as margens de lucro praticadas pelas grandes redes de distribuição, que frequentemente inviabilizam o ganho real do pequeno produtor cultural.

Além das barreiras técnicas, há a barreira econômica do investimento inicial. A publicação independente e periférica ou por meio de pequenas editoras e selos insurgentes exige que a escritora negra assuma o papel de gestora de sua própria carreira. Colocar um livro no mundo de forma independente e estando na periferia do mundo editorial vai muito além do processo artístico: é um exercício prático de afroempreendedorismo e economia criativa. Como os caminhos tradicionais costumam estar fechados, a escritora negra precisa gerenciar a própria carreira do começo ao fim, desdobrando-se como captadora de recursos, designer, assessora e estrategista de logística. O lado potente desse movimento é que ele movimenta uma microcadeia produtiva que pode gerar renda para outros profissionais, também negros, independentes, como revisores, ilustradores e pequenas gráficas. Com isso, o conhecimento acumulado com a experiência se transforma em uma ferramenta de emancipação intelectual e financeira para abrir portas para outras mulheres e jovens.

Esse movimento de "palavrear" funciona como uma estratégia coletiva de sobrevivência e resistência contra o machismo e o racismo estrutural. Quando essas narrativas chegam ao papel, elas promovem um fortalecimento mútuo e fazem com que a juventude periférica veja suas vivências validadas, entendendo que é possível romper barreiras socioeconômicas. É a prática da máxima de Angela Davis: quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se move junto.

A apropriação da internet e dos ecossistemas digitais também são ferramentas vitais para fazer com que essa palavra circule e contorne o monopólio das grandes livrarias. O ambiente virtual ajuda a democratizar oficinas de escrita e rodas de conversa nas periferias, além de

conectar quem escreve direto com quem lê, sem a necessidade de passar pelo crivo de um editor eurocêntrico. Juntar a tecnologia com as narrativas negras femininas e nossa ancestralidade é o que potencializa a nossa autonomia e pavimenta um caminho onde o direito à autoria seja, de fato, um território democrático, negro, feminino e plural, para construção de futuros possíveis.

Referências Bibliográficas

- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. *(Esta obra fundamenta diretamente a discussão sobre a interseccionalidade no Eixo IV, sustentando a tese de que a movimentação da mulher negra desloca toda a estrutura social)*.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. *(Esta obra ancora o Eixo I e II, fundamentando o conceito de "sujeito do dizer" versus "objeto", além de ter sido um dos marcos de vendas na Flip citados no texto)*.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021. (Coleção Palavras Negras). *(Esta obra dá a base teórica perfeita para o tensionamento psicológico e a descolonização das mentes provocados pelo racismo, além de dialogar com a própria escassez de tempo, o desgaste subjetivo e o lugar da profissional intelectual negra discutidos no relato de prática)*.